



# FREYREISS E OS ÍNDIOS

## FREYREISS AND THE INDIANS

*Rafael Chaves SANTOS<sup>1</sup>*

**Resumo:** este artigo objetiva evidenciar, com o auxílio da análise linguística, alguns estereótipos presentes nas descrições do índio brasileiro no relato de viagem do alemão Georg Freyreiss, que permaneceu em nossas terras durante 12 anos, no início do século XIX. Freyreiss esteve em contato direto com tribos indígenas de diferentes etnias e dedicou uma boa parte de suas obras para descrever suas experiências e sua visão sobre os habitantes originais do Brasil. Essas descrições são entendidas como práticas sociais que circularam e permanecem até hoje presentes nos discursos dos brasileiros sobre os indígenas, reafirmando alguns estereótipos dos índios e, ao mesmo tempo, traduzindo a visão eurocentrista de sociedade e o padrão cultural europeu.

**Palavras-chave:** Freyreiss; relatos de viagem; índios; análise linguística; estereótipos.

**Abstract:** the present article is aimed to provide, using linguistic analysis, some stereotypes presented in the description of the Brazilian indigenous, during the journey of Georg Freyreiss in our land for twelve years, in the begging of XIX century. Freyreiss had been in direct contact with indigenous tribes from different ethnicities and had dedicated most of your work to describe his experience and vision about the original habitants of Brazil. These descriptions are known as social manners that circulated and still remain present in the speeches of some about the indigenous, that reaffirms some stereotypes and, at the same time, translate the European vision of society and cultural pattern.

**Keywords:** Freyreiss; travel accounts; indians; linguistic analysis; stereotypes.

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de pesquisa Interdisciplinar LIEDH/ UFRJ vinculado à Biblioteca Nacional e pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (LABEDIS) vinculado ao Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. e-mail: [rafferufrj@gmail.com](mailto:rafferufrj@gmail.com)



## Introdução

Este artigo apresenta uma análise do discurso construído pelo viajante Freyreiss em sua obra *Reisen in Brasilien* (Viagens no Brasil), de 1815, com um enfoque específico ao que o naturalista descreve sobre os índios no Brasil.

O objetivo maior deste breve estudo é o de contribuir na tentativa de ressignificar o nosso passado histórico, tomando o relato de viagem como uma prática social, que, como outra, interage “na maneira como nós próprios ainda hoje nos enxergamos e nos reconhecemos enquanto sociedade” (MONTEZ, 2007: 2) e na construção dos discursos existentes sobre a população de nosso país.

## O viajante

Georg Wilhelm Freyreiss nasceu em *Frankfurt am Main* em 12 de julho de 1789 e faleceu em primeiro de abril de 1825 na Bahia, Brasil, com apenas 36 anos. Freyreiss era casado com uma brasileira e deixou um filho.

Em 29 de agosto de 1813, chegou ao Brasil na companhia do recém nomeado cônsul geral russo no Brasil, o naturalista Langsdorff, que vinha ao Brasil para pesquisar a natureza e estudar a botânica do país.

Freyreiss trabalhou muito pela colonização alemã no Brasil e fundou a colônia Leopoldina situada no sul da Bahia. Fato curioso é que este viajante foi enterrado em Vila Viçosa, cidade baiana próxima a colônia que ajudou a fundar.

Em sua obra intitulada “Repertório crítico da Literatura Teuto-Brasileira”, publicada em 1902, Oscar Canstatt<sup>2</sup> apresenta um amplo panorama das obras de alemães sobre o Brasil nas mais diversas áreas do conhecimento entre 1500 e 1900. Nesse livro, ele afirmou que, embora no período que abarcou o reinado de D. Pedro I:

o número de autores e cientistas que escreveram sobre o Brasil seja maior do que na [década] anterior, não se pode afirmar que o valor de seus trabalhos seja igual aos dos mais antigos. Todavia, devem-se registrar algumas obras, às quais se pode

---

2 Oscar Canstatt Veio ao Brasil em dois momentos: entre 1868 e 18; e, depois, retornou em 1874, ficando no Brasil até 1877. Sobre essas vindas ao Brasil, Canstatt escreveu um relato de viagem chamado “Brasilien: Land und Leute” (Brasil: Terra e gente), publicado em 1877 e traduzido para o português em 1954.



atribuir valor duradouro. Entre esses autores figura em primeiro lugar o zoólogo e ornitólogo Georg Wilhelm Freyreiss. (CANSTATT, 1902: 49)

Freyreiss foi um naturalista e ornitólogo. Escreveu alguns artigos e textos e, em vida, publicou duas obras: “Reisen in Brasilien”, publicada no ano de 1815; e “Beiträge zur näheren Kenntniss des Kaiserthums Brasilien: nebst einer Schilderung der neuen Colonie Leopoldina, und der wichtigsten Erwerbzweige für europäische Ansiedler, so wie auch einer Darstellung der Ursachen, wodurch mehrere Ansiedelungen missgluckten – erster Teil”<sup>3</sup>, publicada em 1824. Suas obras foram, certamente, de uma influência muita grande para outros viajantes de sua época e de épocas posteriores. Da mesma forma como influenciou outros, esse viajante também foi muito influenciado pelos seus contemporâneos, com os quais fez até algumas viagens junto, como é o caso do príncipe Maximilian Wied-Neuwied<sup>4</sup>, com o qual Freyreiss se encontrou e percorreu a região de Vila de São João de Macuri do Brasil, entre 1815 e 1816. Podemos citar, também, o Barão de Langsdorff<sup>5</sup>, com o qual ele veio ao Brasil, separando-se dele assim que aqui chegou. Porém, ainda mantiveram contato durante um bom tempo, e, em suas obras, Freyreiss demonstrava que também lia os textos do cônsul da Rússia, ao citá-lo em diversas passagens.

Outro autor muito importante que é figura marcante na obra de Freyreiss e com o qual o ornitólogo também realizou algumas pequenas viagens pelo estado de Minas Gerais foi Wilhelm Ludwig Erschwege<sup>6</sup>. Além da intertextualidade entre Freyreiss e os viajantes citados, outras influências nos textos do ornitólogo são citadas pelo próprio em seus relatos. O primeiro é o naturalista sueco Carl Linné (1707-1778), que escreveu a obra “O sistema da natureza”, publicada em 1753. Conhecido como Lineu, esse naturalista também foi botânico, zoólogo e médico, criador da nomenclatura binomial e da classificação científica, sendo, assim, considerado o “pai da taxonomia moderna”. Em 1758, ele classifica, então, o *homo sapiens* em seis variadas categorias: homem selvagem; americano; europeu; asiáti-

- 
- 3 Obra não traduzida para o português. Tradução livre para o título: “Contribuições para um conhecimento mais aprofundado do Império do Brasil: acompanhado por uma descrição da nova colônia Leopoldina e as mais importantes áreas de trabalho para o colono europeu, assim como uma apresentação das razões pelas quais muitos colonos malogram – primeira parte.” O próprio Freyreiss, no prefácio, afirma que pretendia escrever o volume dois sobre uma viagem que faria pelo rio Amazonas para coletar material desta região, mas sua morte prematura impediu que isso ocorresse.
  - 4 Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied (1782-1867) foi um príncipe renano que esteve no Brasil no início entre os anos de 1815 e 1817 e aqui estudou a flora, a fauna e as populações indígenas. Publicou, em 1820, sua obra intitulada “Viagem ao Brasil, entre 1815 e 1817”.
  - 5 Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852) esteve no Brasil em três momentos do século XIX: entre 1803-1807, 1813-1820 e 1822-1830. Publicou algumas obras sobre suas viagens, dentre elas destacam-se “Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807” (1812) e “Bemerkungen über Brasilien. Mit gewissenhafter Belehrung für auswandernde Deutsche.” (1821).
  - 6 Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855) esteve e trabalhou no Brasil para o governo português entre 1810 e 1821. Publicou algumas obras sobre o Brasil, dentre elas “Brasilien: Die neue Welt” (1830).



co; africano; e monstro (anões e gigantes) Essas classificações eram explicitamente comparativas e, pode-se dizer, tomavam o europeu como padrão para classificar os outros povos pela diferença. Fica claro que é uma tentativa evidente de “naturalizar” o mito da superioridade europeia. Essas classificações e referências passaram a ser utilizadas por muitos naturalistas-viajantes, sendo por eles performatizadas e citacionalizadas da mesma forma.

Naturalista também citado por Freyreiss é o alemão George Marcgraf (1610-1644), que foi um importante matemático. Marcgraf foi um dos responsáveis pelas primeiras publicações científicas sobre a geografia e natureza do Brasil. Em 1638 veio para o Brasil, onde ficou até 1643. Em nossas terras realizou três expedições nos territórios dos atuais estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, sendo a sua primeira entrada no sertão, de junho até agosto de 1639, no Ceará. Escreveu boa parte da “*Historia naturalis brasilieae*”, que seria publicada depois de sua morte (1648) e que é o resultado desse extraordinário empreendimento científico que seria empregado por Lineu para conceber seu conceito de 'espécie'.

A escolha desse viajante para compor um artigo que busca analisar a imagem dos índios trazida até nós por relatos de viagem se deve ao fato de ele ser um representante de uma época que refletiu nas épocas posteriores e cuja importância também foi registrada em outras obras de viagem, assim como em obras de apoio teórico que remetem a esse período histórico nacional.

No século XIX, o desenvolvimento das ciências naturais fez com que os viajantes, em sua maioria naturalistas, ou mesmo os que não o eram, se ocupassem bastante em suas narrativas de viagem com descrições que iam além, por exemplo, da fauna, flora, geologia, geografia etc. As questões etnográficas ganhavam espaço e, através dos discursos dos naturalistas, circulavam pela Europa, fortalecendo e legitimando ideias e pensamentos que estavam em ascensão à época.

Alguns estudiosos europeus eram vistos como referência nos estudos das ciências naturais, e havia uma prática comum, desde o século XVIII, de produzir um questionário para que o naturalista (viajante) se incumbisse de respondê-lo durante a sua viagem. Na Alemanha, precisamente na cidade de Göttingen, foi criado, inclusive, sob a supervisão de professores, um centro de avaliação e classificação de literaturas de viagem.

Uma destas referências era certamente o antropólogo e zoólogo alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840). Este foi professor da universidade de Göttingen e deu aulas de história da medicina, anatomia comparada e história



natural. Dentre seus alunos que viraram naturalistas-viajantes podemos citar Alexander von Humboldt, Langsdorff e o Príncipe Maximilian de Wied-Neuwied.

Blumenbach publicou diversos estudos nas áreas das ciências naturais. Dentre essas obras destacamos *De Generis Humani Varietate Nativa*, publicada em 1775, na qual nos é apresentado um estudo comparativo feito com crânios humanos, de onde o autor concluiu a existência de quatro (e depois acrescentou mais uma) variedades<sup>7</sup> distintas de seres humanos: caucasiana (branca) a qual se referia aos europeus; mongol, aos asiáticos; etiópica, aos africanos; americana, aos nativos da América; malaios, aos australianos (sudeste da Ásia). Blumenbach escreveu esta obra em contato constante com Lineu e inspirou-se também no texto de Imanuel Kant (1724-1804) intitulado *Über die verschiedenen Racen der Menschen*, publicada em 1775. Dentre essas raças apresentadas, Blumenbach elegeu a caucasiana como raça original, baseado apenas em fatores estéticos. Essa obra foi uma das primeiras a impulsionar a teoria que no século seguinte ficou conhecida como Racismo científico<sup>8</sup>.

Sob essa influência, o ser humano foi também transformado em produto da natureza e dividido na seção das instruções em categorias como “selvagem”, “meio-selvagem” e “manso” (europeizado e civilizado), já que ele deveria ser inventariado e descrito; e cuja cultura deveria ser, da mesma forma, descrita como manifestação da singularidade da natureza brasileira dentro das coleções dos museus europeus e, dessa forma, possivelmente compreendida.

## Metodologia de análise

Para a realização deste artigo, foi preciso utilizar uma metodologia de análise multidisciplinar que permitisse articular aspectos da ordem da cultura, da ideologia e de poder (como o etnocentrismo). Utilizamos, para esse propósito, a Análise de Discurso (AD). Assim sendo, este artigo traz para a discussão sobre a construção discursiva dos indígenas brasileiros por Freyreiss questões que não se limitam ao campo da linguagem, mas que abarcam o campo da história e da etnografia. Com

---

7 O termo variedade é usado na botânica em um escalão taxonômico e é inferior à espécie. Lineu foi o primeiro a utilizar este termo neste sentido.

8 No ano de 1855 foi publicado por Joseph Arthur, Conde de Gobineau (1816-1882), a obra *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (*Essai sur l'inégalité des races humaines*). Essa obra tornou-se um marco para as "teorias raciais" vigentes no século XIX, influenciando vários autores até o final daquele século. Enquanto Blumenbach procurava salientar uma diferença biológica entre as "raças humanas", Gobineau foi além, defendendo que essas diferenças biológicas influenciariam o comportamento, a moralidade, a inteligência e o desenvolvimento social e cultural dos povos.



essa abordagem multidisciplinar, o artigo dá uma contribuição relevante, inclusive, à Linguística Aplicada, pelo ineditismo de seu enfoque e pelos objetivos propostos.

Fazemos uso do conceito de discurso entendido como a prática da linguagem, a palavra em movimento. A linguagem é, então, concebida como “uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” (ORLANDI, 2001: 16) Através dela existe tanto a possibilidade de continuidade e permanência como também o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que se vive.

Na AD o discurso é o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A Análise reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e sobre como a ideologia se manifesta na língua. Partindo das ideias de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e de que a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como defende Pêcheux (1988), não há discurso sem sujeito, e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e é assim que a língua faz sentido. É no discurso que vamos observar a relação entre língua e ideologia.

Fazemos, em nossa proposta de análise, uso de alguns conceitos como o de polifonia (DUCROT, 1987), que vai se referir aos discursos nos quais encontramos o viajante recorrendo a outras vozes e, ao mesmo tempo, se colocando em uma posição de “neutralidade” em relação ao apresentado. Nesses discursos, muitas vezes a posição do viajante é omitida de maneira consciente, uma espécie de manipulação daquilo que se quer falar com o objetivo de atribuir ao outro sua fala e, ao mesmo tempo, de se excluir do dito.

Com base no que afirmamos acima, então, será possível analisar discursivamente a concepção ideológica de índio dos textos do viajante e, também, como essa concepção utiliza-se de certas formas de representação que geraram estereótipos postos em circulação no Brasil e na Europa. Com o auxílio da AD busca-se entender “como o discurso que define o índio constitui certos processos de significação, produzindo o imaginário pelo qual se rege a nossa sociedade” (ORLANDI, 1990: 20).

Aqui cabe, portanto, reafirmar nosso posicionamento ideológico e crítico em relação ao discurso histórico. Defendemos que a história está diretamente ligada às práticas sociais e não ao tempo. A história se estrutura com base nas relações sociais de poder e não no tempo cronológico. Ainda segundo Orlandi (1990: 42), “a relação da análise do discurso com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos” e de poder. O discurso do viajante sobre os índios é



histórico porque se produz em determinadas condições e relações de dominação e também em um determinado plano ideológico (uma concepção de mundo etc).

Alguns termos utilizados na AD que vêm originalmente da antropologia também são acionados e funcionalizados na nossa proposta de análise. Um deles é o conceito de civilização, que é visto como a expressão da consciência ocidental, o sentimento nacional ocidental. Outro que será utilizado é o termo cultura, que está diretamente ligado ao índio dentro deste discurso padrão europeu que o vê como um ser etnográfico. As formas de discurso utilizadas para definir o índio somam esses dois conceitos e criam a dicotomia europeu (história, civilização) e índio (etnografia, cultura). O europeu, ao se definir como civilizado, criou uma oposição entre ele e o outro, no caso, o índio, não civilizado, bárbaro etc.

O objetivo principal deste artigo é colocar em evidência o discurso do viajante europeu como uma prática social, que, dentro de um determinado contexto, interagiu dialeticamente com outras práticas sociais na construção da imagem (formas de representação) dos índios do Brasil no século XIX

## O ornitólogo e os índios

O que veremos no relato de Freyreiss é a legitimação do discurso naturalista em ascensão na época, que se via na função de atribuir nomes às coisas e, dessa forma, de colocá-las em ordem (Sistema da Natureza). Ao mesmo tempo, por um lado, veremos constantemente Freyreiss questionando e criticando o tratamento dado pelos portugueses aos índios e, por outro lado, notaremos passagens que servem como justificativa para esse comportamento violento dos portugueses com relação aos índios, nas quais serão apresentados os estereótipos dos índios. O que será possível perceber, também, é que a visão, por parte do autor, da inferioridade dos índios e, simultaneamente, da superioridade do seu padrão europeu, que são marcas constantes nos textos de diversos viajantes, simboliza a ideologia eurocêntrica, e porque não etnocêntrica, destes textos.

Na obra como um todo encontramos o conflito de discursos do viajante que em muitos momentos, como no prefácio, confessa que vivenciar os fatos lhe fez ter uma visão diferente daquela que tinha ou mesmo esperava ter em virtude da leitura de outros relatos de viagem:

[...] apesar da execução do meu projeto se tornar mais difícil do que eu tinha previsto, obrigando-me a modificar profundamente as ideias que, segundo testemunho



de outros viajantes, eu tinha formado. Os meus leitores certamente terão também de mudar várias vezes as suas opiniões preconcebidas. (FREYREISS, 1982: 15)

O que fica claro nessa pequena passagem é que as concepções anteriores deste autor, oriundas de outros textos, vão ser reconstruídas com a sua vivência e sua própria experiência de viagem pelo Brasil.

Fazendo uso de uma estratégia também muito recorrente nos relatos de viagem, a de defender a veracidade dos fatos narrados, o naturalista afirma que suas palavras abarcam apenas aquilo que ele (realmente) vivenciou, ou seja, somente a verdadeira impressão. O leitor pode ter certeza, então, de que aquilo que ele lê é composto apenas de fatos verídicos, não há ficção neste relato:

sobre os pontos em que as minhas observações não são suficientemente concludentes, mas sobre as quais esperava completá-las, calo-me ou menciono apenas o fato, sem comentários. Porém, em relação à escravidão ou às tribos selvagens julguei dever ser mais extenso, porque [...] sobre as últimas espero que todas as observações que fiz entre elas possam ser de valor para o leitor, visto que não hesitei diante de fadigas, nem de perigos, para procurar estes autóctones brasileiros nas suas matas e observá-los no seu estado natural. (FREYREISS, 1982: 16)

A oposição entre “calo-me” e “ser mais extenso [e] possam ser de valor” não nos deixa dúvidas de que sobre aquilo que o autor vai falar, “todas as observações (sobre os índios)” são verídicas, pois ele não poupou esforços, enfrentou perigos e superou mesmo o cansaço para obter estes dados. Além disso, trata-se de um naturalista, alguém instruído e de boa índole que só nos trará a “verdade”. Com essas palavras e outras que veremos mais adiante, o naturalista vai, pouco a pouco, naturalizando sua presença nesta zona de contato<sup>9</sup>.

A primeira vez em que se refere aos índios na sua obra é para explicar que um dos percalços que pode gerar dificuldades e atrapalhar a viagem de quem vem ao Brasil é se deparar com os selvagens: “o viajante no Brasil tem que lutar com tantas dificuldades ocasionadas pela falta de estradas e da população e, em muitos lugares, por causa dos selvagens” (FREYREISS, 1982: 21).

Em seguida, Freyreiss descreve que, nos primeiros encontros que teve com os índios, precisou de certo artifício para lhes impor respeito. Aqui é possível notar a presente influência do discurso anterior, ou melhor, das leituras e pré-concepções de que os índios são selvagens e agressivos; sendo assim, é necessária uma violência

---

9 O termo “Zona de Contato” que utilizamos é de autoria de Mary Louise Pratt e significa, conforme a autora, “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999: 27).



ou uma intimidação para se ter uma aproximação ou pelo menos o respeito destes, ou ainda, o temor destes em relação aos estrangeiros. Veremos, então, uma qualificação dos índios, com a utilização do termo selvagem, de violentos e agressivos, para os quais é necessário estar sempre alerta e, se possível, com uma arma na mão:

uma boa espingarda de dois canos tem sempre grande valor, ainda que só sirva para intimidar os selvagens, que, vendo sair dois tiros sem ter-se carregado de novo, imaginam que se pode atirar sempre sem carregar, o que lhes causa grande medo e no começo, antes de eu ter cativado a sua confiança, muitas vezes foi-me útil. (FREYREISS, 1982, p. 23)

Na passagem acima vemos não apenas uma intimidação necessária, uma vez que os índios seriam violentos, mas também a caracterização do índio como ingênuo, ao se fazer uso da expressão “imaginam que se pode atirar sempre sem carregar”. O que pode ser percebido, então, é que, além de violento, o índio é uma criatura ignorante. Ao mesmo tempo, o autor deixa transparecer que, em um futuro próximo, ele conseguiria estabelecer uma relação diferente com os índios, sem violência, o que vai ser feito se aproveitando desse lado “imaturado” dos índios.

Não podemos esquecer que Freyreiss permaneceu no Brasil por cerca de 12 anos e, certamente, foi influenciado, também, pelas correntes ideológicas que existiam à época no país no que dizia respeito ao que se deveria fazer com os índios. É possível afirmar, por exemplo, que o naturalista teve um contato bem intenso com José Bonifácio, para quem dedicou, inclusive, a sua segunda obra. E, se lembrarmos das palavras daquele sobre o tratamento que se deveria aplicar aos índios em sua obra “Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil”, acharemos muitos traços e descrições em comum:

com efeito, o homem no estado selvático, e, mormente o índio bravo do Brasil, deve ser preguiçoso; porque tem poucas, ou nenhuma necessidade; porque sendo vagabundo, na sua mão está arranchar-se sucessivamente em terrenos abundantes de caça ou pesca, ou ainda mesmo de frutos silvestres, e espontâneos; porque vivendo todo o dia exposto ao tempo não precisa de casas, e vestidos cômodos, nem dos melindres do nosso luxo; porque finalmente não tem idéia de propriedade, nem desejos de distinções e vaidades sociais, que são as molas poderosas, que põem em atividade o homem civilizado. Demais, uma razão sem exercício, e pela maior parte já corrompida por costumes e usos brutais, além de apático, o devem também fazer estúpido (ANDRADA E SILVA, 1823: 4).

As passagens que se seguem vão demonstrar, pois, uma aproximação maior do viajante com os índios e, ao mesmo tempo, ainda, resquícios da influência ou mesmo de seu pensamento eurocêntrico.



Ao passar por uma patrulha na estrada, o naturalista e o índio que o acompanhava são revistados por soldados: “não podia impedir que descarregassem as minhas espingardas, que revistassem até a pele o jovem índio que eu trazia comigo e que me maltratassem” (FREYREISS, 1982: 32). Aqui vemos o índio como figura útil ao viajante que necessita de um guia ou de um auxiliar de caça para conseguir seus objetivos de pesquisa. O índio, muitas vezes, servia ao viajante em troca de comida ou por acreditar em falsas promessas. Lembre-se da alegada ingenuidade do mesmo, que era, muitas vezes, ludibriado pelos portugueses.

Mais adiante, ao descrever a situação da busca pelo ouro em Minas Gerais, o viajante nos lembra que, no século XVII, os índios foram escravizados para extrair o ouro e que tal número chegou perto de um milhão:

foi mais ou menos em 1692-1695 que os paulistas entrando em Minas Gerais para escravizar os selvagens, descobriram o ouro [...] perto de um milhão destes infelizes foram decerto precisos para extrair aquelas 40 mil arrobas mencionadas. (FREYREISS, 1982: 48)

Nessa citação podemos distinguir dois momentos distintos para se referir à figura do índio. No primeiro Freyreiss denomina-os de selvagens (eurocentrismo), o que desclassifica sua figura. Logo em seguida, os chama de infelizes (novo olhar), demonstrando que, possivelmente, se compadeceu com a situação dos mesmos. Já há aqui, mesmo que de maneira superficial, algo que veremos ao longo do texto do viajante: o conflito entre distintas vozes que circulavam no Brasil sobre os índios.

Durante a descrição de uma trilha que fazia pelas matas mineiras, o naturalista é pego de surpresa por uma tempestade e, com receio da quantidade de água que caía do perigo de alguma árvore ser derrubada pela força da chuva e do vento, resolve, então, pernoitar entre os índios. O que chama a atenção, contudo, não é apenas o fato do viajante passar a noite entre os índios, mas também a maneira como ele se refere agora a eles:

foi, pois, uma tempestade destas que me obrigou a pedir abrigo entre os meus amigos índios. [...] O primeiro cuidado naturalmente foi o de tirar a minha roupa ensopada, porém, com que havia eu de me cobrir, pois nenhuma camisa existia na cabana? Os índios estavam todos nus e zombavam do meu embaraço [...] só me restava unir-me àquela sociedade nua ao redor do fogo (FREYREISS, 1982: 88).

O ornitólogo não os chama mais de selvagens, transformando os índios, agora, em amigos. No centro desta hospitalidade, está, também, o choque entre as duas maneiras distintas de lidar com as coisas e as situações. De um lado, temos o naturalistas, se colocando, agora, como vítima, ao ser observado e “zombado” pelos índios, mas, ao mesmo tempo, ele nos deixa transparecer seu menosprezo pela “sociedade nua”, onde não há camisas (visão eurocêntrica).



● ● ●

Ainda falando de seu pernoite junto aos índios, Freyreiss deixa transparecer dois sentimentos que ainda estavam presentes em sua mente e sinalizam as duas diferentes maneiras de ser ver os nativos. O primeiro sentimento é o medo, expresso na seguinte passagem:

assim mesmo fiquei meditando se era prudente entregar-me ao sono que imperiosamente me invadia. O que valia, porém, ficar eu acordado se os índios tivessem deliberado eliminar-me? [...] Adormeci, pois, mas dúvidas e receios acordaram-me repetidas vezes durante a noite (FREYREISS, 1982: 90).

E o segundo é a gratidão:

na manhã seguinte, ao raiar do dia, deixamos esta gente simples, depois de tê-la presenteado com algumas agulhas e anzóis. Teríamos caminhado cerca de meia légua quando um dos índios da cabana, onde tínhamos pernoitado, nos alcançou, todo arquejando, e entregou-me umas folhas de papel que tinha usado para prensar plantas e que ficaram esquecidas num canto. Por essa e outras ações idênticas, ganharam os índios a minha estima (Idem).

No texto de Freyreiss, que poderia ser um diário, apenas se ausentando as datas, vemos que o pensamento do autor vai, em diversos momentos e com o transcorrer da narrativa, ficando mais conflitante em relação os índios. Vemos isso no olhar diferenciado que procura entender, algumas vezes, a posição dos índios, suas atitudes e seus comportamentos; e a posição do outro, ainda a força dos valores europeus, da civilização europeia.

O autor, contudo, traz à tona em seu relato uma discussão a respeito do comportamento dos indígenas. Por um lado, expõe a agressividade dos índios contra os portugueses e, por outro, tenta, à sua maneira, explicar o porquê desse comportamento. De qualquer forma, a produção de estereótipos continua mesmo nesses momentos. Inicialmente o naturalista vai apresentar ao seu leitor um panorama da situação, como nesta breve passagem:

Na proximidade de Santana [Minas Gerais], do outro lado do rio, que é atravessado por uma parte, vagueiam índios da tribo dos Puris, mas parece que não são muito perigosos para os fazendeiros, porque contava-se como caso extraordinário que havia 18 meses que tinham morto 2 escravos a flechadas. Os portugueses, todavia, pareciam ter medo destes índios e o nosso hóspede, que era caçador apaixonado, confessou que ele nunca caçava no outro lado do rio. (FREYREISS, 198: 78)

Vemos, nessas frases, que o ornitólogo inicialmente tenta negar o possível perigo que representam os índios Puris, para, logo em seguida, dizer que os portu-



gueses e seu amigo caçador, entretanto, não ousam passar para o outro lado do rio, por temerem, de fato, os índios. O que fica claro, então, é que, na verdade, os índios seriam uma ameaça, algo a se temer, reforçando o estereótipo de seres violentos e agressivos.

Um pouco mais à frente, ainda falando da cidade de Santana, Freyreiss expõe o outro lado, a atitude dos portugueses com os índios, já qualificados aqui como pobres, em um sentido que se aproxima de coitados. O que se percebe é a constante presença de duas visões antagônicas da situação dos índios no Brasil:

Os habitantes de Santana também não mostravam grande amizade a estes pobres índios porque, numa das suas conversas, o comandante nos contou que o diretor dos índios já tinha amansado 500 Puris e os domiciliados em lugares determinados, fazendo-os acabar com todas as hostilidades contra os portugueses e seus amigos, mas acrescentou, com uma risada diabólica, que devia levar-lhes a variola para acabar com eles de uma vez, porque a variola é a doença mais terrível para essa gente, como mais tarde demonstrarei. (FREYREISS, 1982: 78)

A ideia de levar aos índios uma doença que para eles é fatal vai de encontro a uma das correntes de pensamento do início do século XIX, que achava que o melhor a se fazer com os índios era mesmo exterminá-los de uma vez por todas, porque daria menos trabalho do que tentar amansá-los e fazer com que eles entrassem no padrão civilizatório de comportamento europeu. Basta lembrarmos de uma publicação do recém-chegado D. João VI, em 1808, que defendia uma guerra “justa” e ofensiva aos índios bravos.

Diferentemente do que possa parecer, o naturalista não está com isso tentando defender os índios ou mesmo justificar a atitude dos portugueses ao apresentar a reação violenta dos primeiros. O que veremos a seguir é, na verdade, uma crítica do viajante ao tratamento dado pelos portugueses aos índios e também a tentativa de demonstração de inferioridade dos indígenas. Freyreiss, o naturalista que veio para colocar as coisas em ordem, ajudar e educar, se coloca como diferente dos dois grupos. O autor descreve como os portugueses erraram e, ainda, o que deveria ter sido feito desde o início com esses pobres seres inferiores, que precisam, conforme ele, de auxílio para se integrarem à civilização. Antes, porém, ele vai nos apresentar outras situações, que vão, então, justificar sua postura etnocentrista:

Logo na entrada desta mata duas cruces, próximas uma da outra, comemoram o assassinato de dois escravos que estavam colhendo algodão para os seus senhores. Por causa disso era com visível medo que muitos dos nossos companheiros aí entravam; mas, felizmente, parece que os Puris têm mais medo ainda dos portugueses e suas armas do que estes o têm deles; e se os índios efetivamente fossem o que se diz estas matas estariam ainda por muito tempo impenetráveis pelos invasores e ninguém as poderia atravessar ou então centenas de cruces dariam testemunho das mortes havidas. (FREYREISS, 1982: 80)



Nessas palavras, Freyreiss nos deixa claro que, além do mito dos índios atacarem qualquer um que se aproxime, as lendas da floresta vão sendo desfeitas. Aqui entra em choque a pré-concepção do comportamento dos indígenas, quando se supõe que as matas sejam impenetráveis e aquilo que o viajante vê de fato, pois não há muitas cruces; logo, não há matança generalizada.

Mas o estereótipo da agressividade dos índios não é descartado nunca pelo viajante, que traz ao seu leitor mais alguns exemplos da mesma. E, como afirmamos anteriormente, as contradições e as diferentes vozes falam, novamente, através do naturalista, pois, no parágrafo seguinte, ele conta da agressividade dos índios contra quem percorre as matas escuras e densas:

destas moitas densas e escuras os índios invisíveis facilmente atirariam as suas flechas sobre os viajantes, na certeza de não serem perseguidos, e nenhuma arma pode aqui prestar auxílio eficaz, como verificamos. O melhor meio são os cães amestrados a procurar bugres e dar aviso do perigo próximo. Por isso representam estes animais um papel importante quando os portugueses vão à caça de gente, o que agora, porém, acontece apenas quando se trata de índios hostis, como por exemplo, os Puris. Mas os selvagens se vingam nos cães, que matam sempre que os encontram, caso este que nos aconteceu hoje quando atravessávamos uma mata, morrendo flechado o cão do nosso caçador e isso bem ao pé do dono (FREYREISS, 1982: 80).

A cena descrita pelo viajante chega a comover seu leitor pela morte do cãozinho ao pé do seu dono. A violência atribuída aos índios vai, dessa forma, justificar, mais uma vez, a perseguição e o tratamento lhes dado, ou seja, o suposto mau comportamento dos índios vai legitimar a ação dos portugueses. O naturalista ainda se inclui como testemunha do fato, narrando uma cena que ocorreu recentemente com o grupo do qual ele mesmo fazia parte, não permitindo, assim, dúvidas quanto à veracidade dos acontecimentos.

Como dissemos antes, Freyreiss vai, mais adiante, se colocar em um papel de esclarecedor da questão e apresentar a solução e as justificativas por que tudo esteja ocorrendo de uma maneira errada na relação entre os portugueses e os nativos. Essa concepção começa a ser apresentada quando ele vai falar sobre o presídio de São João Batista que,

[...] como todos os presídios, teve sua origem no estabelecimento de vários criminosos fugitivos da justiça, que solicitaram do governo proteção contra os selvagens. Dessa proteção, por mais fraca que seja, pois, raras vezes conta de mais de dois soldados, não teriam precisado, se eles, desde o começo, não tivessem violado os mais comecinhos dos direitos humanos. Foram eles mesmos os primeiros conhecidos dos índios e foi o seu comportamento que lhes trouxe o ódio dos indígenas, que depois se estendeu a todos os brancos. Os primeiros conquis-

tadores do Brasil eram exatamente iguais aos fundadores dos presídios atuais e é a eles que cabe a culpa da infelicidade dos selvagens e não a todos os portugueses (FREYREISS, 1982: 82).

Essa é uma passagem muito rica de informações sobre a concepção ideológica do viajante. Em primeiro lugar, não se perde o foco de que os índios são definitivamente selvagens, cuja relação com os portugueses prescindia, então, de uma postura e estratégia bem definidas para que se pudesse ter uma convivência harmoniosa entre os dois povos. Caso os portugueses não se planejassem bem para isso, o que segundo Freyreiss ocorreu, a relação daria errado, e ninguém conseguiria administrá-la.

Em segundo lugar, o viajante, apesar de estar em um país que é não o seu, se coloca apenas como um observador de fora, que não interferiria nem no fato que narra nem na relação que estabelece com o outro. A sua posição, segundo ele mesmo, é de neutralidade. E ele vai além, ao se apresentar como representante da solução para a atual situação, pois como veremos a seguir ele vai dar, então, seu panorama e a maneira correta de como os portugueses deveriam fazer ou ter feito desde o início com os índios.

Ao mesmo tempo em que vai apresentando ao seu leitor mais detalhes desta relação entre os índios e os portugueses o naturalista vai introduzindo, simultaneamente, o conceito de não civilizado para justificar as atitudes dos indígenas:

em geral tem-se o indígena brasileiro por falso, mau e traidor e como prova se afirma que ele sempre assassina de emboscada; porém não se considera que esta pobre gente vive exclusivamente na mata. Ali são os índios molestados pelo branco e a experiência os ensinou a serem pudentes; razão porque eles aí andam sempre cautelosos, usando de mil artifícios para se aproximarem do seu inimigo, que eles não convidam para uma luta aberta, mas que matam com uma flechada certa (FREYREISS, 1982: 86).

Classificados como falsos, maus e traidores, os índios são, dessa maneira, colocados em um nível de civilização inferior ao do europeu, mesmo que este seja que o maltrate e o moleste. Insistindo em que todos os nativos são iguais, Freyreiss prossegue na sua (des)qualificação, ao descrever as atividades básicas da vida que levam:

todas estas tribos são nômades no seu estado livre e como nenhuma criação tem, nutrem-se de caça, de raízes e de frutas silvestres. A caça e a pesca são a ocupação dos homens e a colheita das raízes e frutas pertence às mulheres. Como o clima é muito favorável, o índio, sábio como é, poucos cuidados tem pelo passado e, totalmente ignorante dos gozos e das vantagens da civilização, está ele, por isso, também livre das mil necessidades que ela acarreta (FREYREISS, 1982: 82).

Nessa apresentação das atividades do dia-a-dia dos indígenas, podemos perceber uma crítica muito intensa às atividades desses povos, vistos e qualificados como não civilizados e ingênuos. O índio apenas caça, pesca e colhe alimentos por aí, só pensa no imediato, não tem, segundo o autor, um planejamento para o futuro, o que demonstra sua menoridade civilizatória. Também podemos ver a associação que é feita entre o índio e a natureza no comentário sobre o ‘clima favorável’; e ‘o índio, sábio como é’, uma ironia velada pela construção que se segue, ao afirmar, também, que ele desconhece as ‘mil necessidades’ de se viver em uma “sociedade civilizada”. O que falta ao viajante é o reconhecimento dos valores internos da sociedade indígena e de suas formas de vida voltadas para a subsistência. O momento em que o naturalista condena o índio por “não fazer nada” marca, na verdade, o instante em que o índio o coloca frente a frente com os limites de sua própria estrutura conceitual.

Freyreiss também dedica alguns parágrafos de seu relato para falar da aparência dos índios. O que veremos, a seguir, é a generalização da fisionomia e também dos modos de viver. O naturalista, como outros viajantes, afirma, então, que todos são muito parecidos, ou mesmo iguais, em suas maneiras e características físicas, não consegue distinguir as diferenças fundamentais entre os distintos povos. O retrato etnográfico criado por Freyreiss define os índios através dos corpos e acessórios, passando por detalhes, inclusive as partes genitais, e também as vestimentas e ornamentos. Descreve o viajante:

Em consequência da absoluta igualdade no modo de vida das tribos indígenas no Brasil, que, segundo minha opinião, todas têm a mesma origem, também pouca ou nenhuma diferença há no exterior deles [...] Os indígenas são geralmente de estatura média e a sua cor é pardo-amarelado (não cor de cobre como se acredita); cabelos são lisos e pretos e o olho, um pouco oblíquo, também é pardo-escuro. O caráter principal é formado pelos ossos zigomáticos salientes. As formas do seu corpo não são graciosas porque o ventre é geralmente saliente, a cabeça grande e as pernas magras (FREYREISS, 1982: 84).

O ornitólogo utiliza alguns termos que vão marcar, pois, a inexistência de traços distintos entre os povos nativos. Dentre eles, destacamos: ‘absoluta’, para se referir à igualdade no modo de vida; e, ‘pouca ou nenhuma’, quando se refere à diferença física entre eles. Essa estratégia de unificar ou, dito de outra forma, reduzir os diferentes grupos num todo único através de recursos de linguagem também é muito comum de ser vista nas descrições feitas por viajantes no que se refere aos negros. (ver, por exemplo, o estudo feito por Santos, 2010<sup>10</sup>.) Além disso, acrescenta que os mesmos têm uma aparência feia, pois os ossos zigomáticos são salientes, a cabeça é grande, e as pernas são magras. Dessa forma, seu leitor pode interpretar que, além de serem todos iguais, têm, também, uma aparência desagradável.

---

10 Obra citada na bibliografia.





Outro fato que chama a atenção do naturalista é a nudez dos índios. Um grande estranhamento é causado não só por isso, mas, também, pela maneira como eles cobrem ou acrescentam acessórios às partes genitais. O que todas as descrições físicas querem expor é a diferença e, através disso, reforçar a tentativa de se colocar a maneira de ser do outro, no caso aqui o índio, como não civilizado ou atrasado:

são tidos por imberbes porque arrancam todos os pêlos que aparecem na cara, nos genitais e nos sovacos [...] O indígena bravo anda completamente nu. Em algumas tribos os homens costumam amarrar o prepúcio por fora da glande, alegando que isso impede a entrada dos insetos (FREYREISS, 1982: 84).

Em uma visita a uma tribo em mata fechada na companhia de Eschwege, ele retoma a questão da nudez e também da aparência fora do padrão dos índios, o que lhe causa repulsa:

Estávamos, pois, perto destes indígenas tão interessantes para o investigador e era natural manifestar-se em nós, o desejo de visitá-los nas matas, no meio próprio. Para este fim, o Sr. Eschwege, o diretor dos índios o valente Sr. Marlière, um soldado do presidio e eu, saímos no dia 29 de dezembro. [...] Além de um pano que cobria os órgãos genitais, nada mais vestiam estes índios cujo aspecto nada tinha de agradável. De estatura abaixo da média, os seus cabelos pendiam em estrigas das cabeças (FREYREISS, 1982: 86).

Quando, entretanto, o viajante se encontra em uma situação de necessidade – chovia muito – e ao mesmo tempo, de curiosidade – queria conhecer melhor uma tribo indígena –, ele se aproveitava do ódio que os índios tinham pelos portugueses, conforme ele mesmo diz, e tentava se colocar mais uma vez, então, em uma posição de neutralidade para ganhar a confiança destes seres “ingênuos”. Além de presenteá-los, pede ao seu “amigo” coropó que diga aos demais que ele “[...] não era português, mas sim de uma grande nação que existia para o norte. Desse momento em diante, crescia a sua confiança que eu, aliás, já tinha procurado ganhar com pequenos presentes” (FREYREISS, 1982: 88).

O naturalista prossegue sua definição de povo não civilizado, quando trata dos conflitos existentes entre as diferentes tribos indígenas fato que não deixa dúvidas sobre a inferioridade destes povos:

os Coroados são muito guerreiros e temidos pelos vizinhos, os Puris, com os quais vivem em constantes brigas e, apesar de não serem antropófagos há, todavia, um costume tendente a isso. Quando matam algum inimigo, de ordinário um Puri, levam consigo para a cabana um braço do cadáver, como uma espécie de troféu da vitória. Chegados em casa arranjam uma festa na qual se regalam com a bebida predileta que fabricam fermentando o milho e que é servida em grandes potes de barro, cujo fundo pontudo está enterrado no chão. Neste pote colocam o braço



do inimigo morto e cada um, por sua vez, tira-a de vez em quando em quando do pote para chupar a extremidade cortada. Tais costumes bárbaros provam o grau baixo da civilização desta gente, aliás, tão boa (FREYREISS, 1982: 92).

Os índios são, segundo o viajante, ‘gente boa’, mas, ao mesmo tempo, um povo bárbaro, muito pouco civilizado e também ingênuo, como se vê na situação a seguir na qual os portugueses fazem comércio com os índios:

os índios que costumam estar em contato com os brancos têm a colheita da ipecacuanha que os faz sair para as matas, e são muitos os portugueses que fazem bons negócios com o comércio desta droga [...] Em épocas certas reúnem para este fim a maior porção possível de índios e atravessam com eles as matas. Nestas excursões levam sempre mantimentos e especialmente aguardentes, que vantajosamente vendem em troca das provisões de ipecacuanha que os índios fazem, por um pequeno cálice de aguardente – uma mercadoria cuja venda aos índios é proibida (FREYREISS, 1982: 94).

Além da demonstração clara do uso dos índios pelos portugueses para obterem mercadorias de seu interesse a baixíssimo custo, esse trecho ilustra, também, a atitude ilegal e covarde da venda de álcool para os nativos. Freyreiss vai, com isso, mais uma vez, trazer uma das linhas de pensamento da época que defendia o extermínio dos índios, fosse ele direto, através de ataques aos mesmos, ou indireto, como a utilização de artifícios como o vício no álcool ou a disseminação de doenças.

Antes, porém, de concluir seu pensamento com relação aos índios, o viajante nos apresenta, ainda, mais algumas situações que vão confirmar por definitivo a ingenuidade e o estado não civilizado dos nativos do Brasil. Um desses momentos acontece quando Freyreiss fala sobre a questão da religiosidade dos índios. Segundo o viajante, a religião dos índios está em um estado ainda de infantilidade.

Da religião não há estágio entre eles, pelo menos no que diz respeito a práticas externas. Não adoram Deus bom, mas temem um gênio mau que eles figuram existir na trovoada, sem, contudo importarem-se mais com ele. Que, porém, entre eles exista uma vaga idéia a respeito da imortalidade da alma, como entre todos os povos na sua infância, não há dúvida [...] (FREYREISS, 1982: 96).

O naturalista fez uso aqui da expressão “entre todos os povos na sua infância”, da qual o leitor pode tirar pelo menos duas conclusões. A primeira é que, na visão do naturalista, os índios estão mesmo em um nível de civilização atrasado, um povo ainda não desenvolvido; e, segunda, que não só os índios, mas outros povos estão também nesta situação, uma vez que a afirmação está no plural. A resistência que os índios tinham ao cristianismo também era vista como evidência de inferioridade intrínseca e usada como justificativa para a conquista e dominação destes.



Outro fato que impressiona Freyreiss é a ligação que os índios têm com seu local de origem, seus hábitos e costumes. Em dois breves momentos de sua narrativa, ele nos conta a tentativa de se retirar da mata dois nativos e integrá-los à vida na cidade, mas, conforme o naturalista, a ignorância deles e a saudade do modo bruto de vida lhes são enorme.

Pode-se tirar um selvagem brasileiro de suas matas e tratá-lo do melhor modo, que ele sempre estimará, acima de tudo, poder voltar para os seus patrícios. Esta observação tão conhecida, fiz eu também quando trouxe para o Rio de Janeiro um pequeno índio, que voluntariamente me acompanhava. Procurei fazer tudo para tornar-lhe a sua estada agradável, não só por causa da confiança que ele tinha em mim, seguindo-me, como também por ser um moço muito inteligente que falava as línguas de 4 tribos diferentes e era caçador habilíssimo que podia ser-me de grande utilidade na minhas futuras excursões. Porém, divertimento algum o impedia de todos os dias pedir-me que fizesse uma nova viagem, especialmente para os índios. Por casualidade, a estada no Rio tornou-se ainda mais odiosa para o moço desconfiado. Tinha pensado proporcionar-lhe um grande prazer levando-o ao teatro, mas felizmente, escolhi uma peça com muitas transformações. Nunca tinha visto o meu selvagem mais contente do que no começo da comédia: quando, porém, no segundo ato, houve uma fingida decapitação, muito bem representada, o meu jovem índio, levantou-se e fugiu aterrorizado e por nada pude obrigá-lo a acompanhar-me outra vez ao teatro (FREYREISS, 1982: 98).

O que vemos nessa passagem não é apenas a tentativa de demonstrar a inferioridade intelectual do índio, mas, também, a indicação clara de que, apesar de afirmar que o jovem selvagem veio com ele por livre escolha, ele é uma espécie de ‘trabalhador’ ou ‘objeto’ de posse do viajante, que o tem ao seu lado por puro interesse, apesar de chamá-lo de inteligente, pois, logo em seguida, afirmava: “falava 4 línguas [...] era caçador habilíssimo que podia ser-me de grande utilidade na minhas futuras excursões”.

Em seguida, o viajante descreve uma história que lhe foi contada, a qual reforça o seu pensamento de que os índios não estão prontos ainda para viver em sociedade com outros povos, já que a sua natureza e estilo de vida bruto sempre falam mais alto. O que vemos aqui é, na verdade, a presença da polifonia no texto do viajante. Além de reforçar o que ele disse anteriormente, coloca-se em posição de neutralidade, pois essas afirmações são de outra pessoa.

Uma prova ainda melhor de quanto é forte a sua saudade do lar e do modo de vida livre e bruto das matas, foi-me fornecida pela história de um padre na comunidade do Rio Pomba. Este padre era Coroadado nato que, em criança tinha vindo para o bispo em Mariana, que o educou no intuito de dar aos índios um padre de sua própria raça, um pensamento que merece todo aplauso. Efetivamente, o nosso Coroadado, chegou a ser padre e, condecorado com o hábito de Cristo, foi mandado para a comunidade converter os seus patrícios. Durante muitos anos, cumpriu ele aí o seu dever para grande satisfação da igreja, quando, repentina-



mente, acordou-se nele a vontade de mudar a sua vida de padre para a que ele tinha levado em criança. Despiu a sotaina, deixou o hábito de Cristo e tudo mais e fugiu em procura dos seus patrícios nus, entre os quais começou a viver com eles, casou com várias mulheres e até hoje ainda não se arrependeu da mudança. (FREYREISS, 1982, p. 98).

Essa pequena história recontada pelo naturalista demonstra que, apesar de, em alguns momentos, se afastar dos portugueses quando lhe era necessário, no momento em que precisa criticar a postura dos índios ele vai se colocar ao lado e, por que não, se identificar com os portugueses em detrimento aos não europeus (não civilizados), como, por exemplo, quando afirmava que essa postura de converter o índio em padre é “um pensamento que merece todo aplauso”. O viajante de origem européia, representante ou não de uma burguesia mercantil, vai se apresentar ou identificar com os valores dessa ideologia em detrimento dos valores sociais do outro, do visitado. Dessa forma, seu relato é a representação discursiva e ideológica desses valores. A forte presença da intertextualidade justifica essa afirmação, já que muitos viajantes, como o ornitólogo em questão, tinham contato direto com outros viajantes e liam seus textos, assim como também, com frequência, completavam suas obras com informações ou trechos inteiros retirados de outras. O que se vê é de fato

[...] a dificuldade do viajante de se desprender de sua cultura e entender a possibilidade do outro, daquele visto como diferente de ser, da mesma forma, uma outra possibilidade, fora do modelo europeu, de vivenciar e encarar as situações da vida. Carregado de pressupostos ideológicos e pré-conceitos o viajante se depara com o diferente e vai, então, colocá-lo em uma posição de inferioridade, tentando naturalizar, através de recursos linguísticos, esta posição distinta do outro (SANTOS, 2010: 40).

Apesar dessa identificação com os portugueses, vista em diversos momentos do seu relato, Freyreiss vai nos apresentar o seu questionamento quanto ao tratamento dado aos índios e se colocar em uma posição “de fora” para criticar e dar a sua “solução” para o “problema” dos índios.

Não obstante terem os Coroados, já por mais de 40 anos, mantido relações amistosas com os portugueses, não mostram, absolutamente amizade por eles, pelo contrário, existe um ódio inveterado, como consequência dos maus tratos que lhes foram infligidos pelos brancos. Por todos os modos imagináveis enganaram sempre estes pobres silvícolas e grande foi a impressão produzida pela manobra ardilosa inventada em 1811 para civilizar os Puris. [...] O plano era, sem dúvida, bom e o meio empregado talvez tivesse surtido efeito, mas os autores do plano não conheciam os seus patrícios e além do mais, cometeu-se o erro de não deixar os índios viverem em família. [...] Se, desde o começo, os portugueses tivessem feito distinção entre os índios e os escravos africanos, o Brasil teria tido um bom lucro, mas assim perdeu-se tudo, querendo tudo ganhar. Ainda hoje seria possí-

vel tirar destes selvagens mais partido do que se faz porque, especialmente como soldados, serviriam admiravelmente, apenas com a condição de formarem batalhões especiais e com a suas armas próprias. Não se pode imaginar soldados mais ligeiros, como veados o índio desliza pela mata mais espessa e efetua marchas de 15 a 10 horas seguidas (FREYREISS, 1982: 104).


O viajante expôs claramente aqui sua crítica aos portugueses, incapazes de administrar de maneira correta os selvagens, além de, da mesma maneira, colocar os índios em uma posição de nítida inferioridade ao compará-los com o veado e também afirmar que eles poderiam ‘servir’ como instrumento em conflitos, como soldados. Os índios deveriam ser transformados de massa indolente – que carece de ambição, gosto e dinheiro – em mão de obra útil ao sistema econômico europeu.

Para servir de base ao pensamento final que vai, então, apresentar ao seu leitor, o naturalista descreve uma cena, na qual há a presença de uma testemunha que não deixa dúvidas sobre o fato narrado. Esse que o acompanha é Eschwege, parceiro de viagem do ornitólogo em algumas excursões feitas em Minas Gerais:

pouco depois de minha chegada a Minas Gerais deu-se um fato que em crueldade excede a tudo quanto conheço e cuja veracidade pode ser atestada por meu companheiro de viagem, Sr. Von Eschwege. Uma porção de soldados portugueses, comandados por um capitão, tinha sido mandado em procura de uns botocudos que, havia pouco, tinham cometido algum excesso no Rio Doce e a ordem era de afugentá-los ou matá-los. Marchando com prudência, encontraram logo o paradeiro destes antropófagos e cercaram-nos durante a noite. Quando os índios viram-se surpreendidos, procuraram salvar-se, estendendo-se no chão, fingindo estar mortos e suspendendo a respiração. Naturalmente não lograram enganar os seus perseguidores, cujo comandante foi a cada um deles, batizou-o e em seguida mergulhou-lhe a faca no coração (FREYREISS, 1982: 105).

Nessa passagem, além de demonstrar a violência dos portugueses contra os índios, também expõe a ignorância dos índios que tentaram ludibriar os portugueses se passando por mortos. Freyreiss não vai poupar sua crítica aos portugueses:

por mais satisfatório que seja para o filantropo o pensamento de civilizar os selvagens que ainda existem, forçoso é convir que a sua realização está muito distante. Um motivo poderoso se acha no modo pelo qual os portugueses procedem para com os índios, cuja desconfiança nunca cessará e será igualmente difícil para os portugueses de acostumarem a enxergar no índio um semelhante seu e não uma espécie de animal. [...] que não queira lembrar-se da frequência com que ele mentia aos povos, o que finalmente lhe fez perder toda a sua majestade e poderio. Todas as tentativas dos portugueses para ganhar os indígenas brasileiros hão de fracassar por este mesmo motivo (FREYREISS, 1982: 106).



O tratamento dado pelos portugueses aos índios passa pela mentira, pela ilusão criada para conquistar sua confiança, mas é algo que se desfaz em pouco tempo, e, assim, todo o trabalho é em vão. Aparentemente, essas palavras nos dão a impressão de que o naturalista quer colocar os índios como seres humanos iguais a outros quaisquer. Entretanto, o conflito entre as distintas vozes no discurso do viajante prossegue, pois, logo em seguida, ele nos apresenta ainda algumas reflexões sobre o povo “não civilizado”, que desfaz essa breve suposição inicial:

é característico notável dos índios mostrarem a máxima indiferença por tudo, mesmo objetos que lhe são inteiramente novos. Este traço costuma ser raro entre selvagens em geral, mas o índio brasileiro nada admira e parece não conhecer a alegria nem a dor. Podia-se mostrar aos Coroados o que se quisesse, permaneceriam sempre impassíveis nas suas redes e, infelizmente, é esta imobilidade dos sentimentos que constitui um dos maiores obstáculos para a civilização. Um povo, tão pouco inclinado a transformar-se, não dá esperanças de ser ganho pela cultura (FREYREISS, 1982: 106).

O índio é descrito, então, como um povo não produtivo, sem sentimentos, sem vontade e preso aos seus próprios valores, o que desagrade ao olhar etnocêntrico, incapaz de ver a diferença como algo positivo, incapaz de ver o outro apenas como diferente e não como inferior. Segundo o naturalista os índios são um povo não apto à civilização e à cultura (europeias), pois ele afirma: “[...] não conheço, aliás, um país com tal população e cujos habitantes estivessem em tal inferioridade de cultura como os selvagens no Brasil” (FREYREISS, 1982: 108).

## Considerações finais

Freyreiss, que, durante seu relato, apresentou-nos diversas situações vistas e vivenciadas com os índios, representa a visão eurocêntrica difundida à época em relatos de viagem, que viam na figura do europeu o modelo a ser seguido, o padrão de comportamento ideal; e que procuraram definir o não europeu como inferior, como aquele que necessitava de uma orientação para poder atingir o nível civilizatório europeu.

Apesar de ser possível perceber em diversas passagens citadas a presença das distintas vozes que circulavam no Brasil no que diz respeito aos índios, no discurso do viajante predominou aquela que, pode-se dizer, validava e legitimava teorias e formas de pensamentos que surgiram no final do século anterior e que ganharam



força no século XIX, juntamente com o desenvolvimento das ciências naturais, como o racismo científico e o darwinismo social.

Os índios, com seu comportamento e estilo de vida estranhos aos olhos do europeu mercantilista, que pensava em novos mercados e na expansão do seu mundo, eram classificados, então, como selvagens e primitivos. O ornitólogo, apesar de não ser um representante direto dessa classe, se identificou com esse modelo, característica comum também dos relatos de viagem.

Quando o europeu inclui o índio no seu mundo, no seu estilo de vida, tomado como padrão, ele vai, então, poder desqualificá-lo através das categorias culturais e sociais de seu comportamento. Dentro do mundo do europeu, o índio é o diferente, o inferior.

Nesse encontro de padrões distintos entre o europeu e o índio, o primeiro é aquele que detém o discurso (o poder) e, assim, é ele quem vai determinar qual é a melhor maneira de resolver o conflito de tal relação. Para o europeu, ele possui o conhecimento (científico), que poderá lhe servir de base para a solução de qualquer situação.

## Referências

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. **Apontamentos para civilização dos índios bravos do Império do Brasil**, 1823. Disponível em <http://www.obrabonifacio.com.br/colecao/obra/1072/digitalizacao> Acesso em: 10/03/2015.

CANSTATT, Oscar. **Repertório crítico da literatura Teuto-Brasileira**. Ed. Presença, Rio de Janeiro, 1967.

CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural: Textos De Morgan, Tylor E Frazer**. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, 2005.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FREYREISS, Georg W. **Viagem ao interior do Brasil**. EDUSP, São Paulo, 1982.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MONTEZ, L. B.; VARIOS. **O Brasil para os europeus. Três narrativas de viajantes germânicos no Rio de Janeiro entre os séculos XVIII e XIX**. In: Luiz





Manoel Cavalcanti Gazzaneo. (Org.). *Espacialização Patrimônio e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, v. 3, p. 107-123, 2007

ORLANDI, E. P. **Terra à vista**. Discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, SP:

Editora da Unicamp, [1990] 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP. Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas, Ed. Pontes, 1988

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação**, Bauru: EDUSC, 1999

SANTOS, Rafael Chaves. **Construções discursivas do negro em relatos de viagens alemães no Rio de Janeiro oitocentista** (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SCHWARZ, Sandra Maria. **Rio de Janeiro in der Fremdwahrnehmung Reisender. Zu den Stadtimages Rio de Janeiros in der deutschsprachigen Reiseliteratur des 19. bis 21. Jahrhunderts**. (Dissertação de Mestrado.) Universidade de Viena, Viena, 2008

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. **A extinção dos brasileiros segundo o Conde de Gobineau**. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan/jun 2013, p. 21-34.

VASCONCELLOS, Francisco de. **A propósito de Georg Wilhelm Freyreiss**. Série história, n.1, Petrópolis, RJ, 1982.